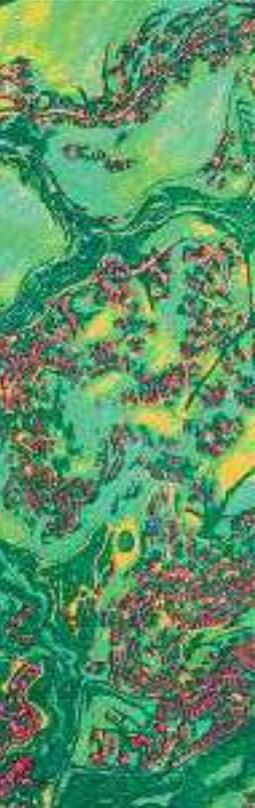






**O desenho urbano é uma prática ao mesmo tempo nova e antiga. As pessoas vêm há milênios configurando de maneira consciente as paisagens em que vivem. Isso inclui os assentamentos que formam uma grande parte dessa paisagem. Esses assentamentos estruturam a existência humana. Como uma disciplina independente, o desenho urbano remonta a meados do século XX. Ele se situa na interseção da arquitetura com o paisagismo e do planejamento urbano com o da paisagem.**

**Essa jovem disciplina ainda está sendo definida. Na verdade, talvez seja impossível definir seus limites, uma vez que seu escopo – a cidade – está continuamente mudando. Um ponto pacífico, no entanto, é que o desenho urbano é um processo de colaboração que envolve a configuração das formas da cidade, aprimorando sua vivência e sua função como um habitat para os seres humanos.**



<

Nome: Plano Diretor de  
Jerusalém Oriental

Localização: Jerusalém,  
Israel

Data: 1999

Projetistas: Sorkin Studio

Esse plano é uma proposta esquemática. Ele inicia sugerindo que a dispersão política e comercial da cidade seja freada e que os novos empreendimentos urbanos sejam na forma de adensamento dos territórios já ocupados. Além disso, o plano diretor sugere que o Vale do Rio Kidron a leste da Cidade Velha de Jerusalém seja recuperado e se torne uma grande área verde. O objetivo é servir tanto Jerusalém Oriental quanto Jerusalém Ocidental e garantir o futuro desse espaço de grande importância histórica e cultural.

**O desenho urbano é uma área ampla que não se insere apenas em uma profissão. Seu escopo e significado é tema de debates, e a seção a seguir busca esclarecer essa disciplina em constante mudança.**

### Definições provenientes da arquitetura

A emergência do desenho urbano como disciplina moderna provavelmente possa ser associada à conferência ocorrida na Graduate School of Design da Harvard University, nos Estados Unidos, organizada pelo seu então Diretor, José Lluís Sert, que também era um bem-sucedido planejador urbano. O principal objetivo estabelecido para a conferência foi o seguinte: “Esta Conferência para Convidados busca ser exploratória, e não didática, e tenta encontrar uma base comum para o trabalho conjunto entre o Arquiteto, o Arquiteto Paisagista e o Planejador Urbano no campo do Desenho Urbano”.<sup>1</sup>

Muitos dos participantes da conferência tinham motivos para estar preocupados com o fato de o planejamento urbano ter se tornado uma profissão estéril e científica que “se preocupava principalmente com o rápido retorno do investimento” em vez de buscar atender às necessidades reais das pessoas em seus ambientes construídos – ou seja, as aspirações comunitárias e individuais que incluíam não apenas a solidez e a utilidade, mas também a beleza e a satisfação.

Na introdução de sua obra *Urban Design Reader*, Matthew Carmona e Steve Tiesdell afirmam que “há (muito) poucas regras ou máximas rígidas no desenho urbano – especialmente porque o processo de projeto envolve a geração de princípios gerais (e geralmente desejáveis) que se apliquem às exigências impostas pelo terreno e pelo programa de necessidades, nas quais o contexto e a visão criativa sempre irá variar”.<sup>2</sup> Em outras palavras, o desenho urbano jamais pode ser formulaico, já que a resposta a cada lugar sempre será específica e única. Dessa maneira, uma abordagem “científica” não é desejável nem possível.

Mesmo que não seja possível criar fórmulas, talvez haja motivadores políticos e ideológicos que podem influenciar os projetos urbanos de diferentes maneiras. Ainda hoje, por exemplo, perdura uma árdua disputa entre aqueles que propõem discussões sobre a qualidade do espaço urbano em termos de valor imobiliário, aqueles que se deram conta de que o desenho urbano voltado para a maximização dos lucros pode de fato promover um rápido retorno sobre o investimento e aqueles que insistem que os aspectos intangíveis, como a formação de comunidade e a felicidade dos usuários, são os verdadeiros determinantes para um projeto urbano. Na realidade, a abordagem que provavelmente trará os maiores benefícios para todos os atores será um meio-termo que permita o florescimento das comunidades e o lucro dos investidores imobiliários.

**“... uma cidade é um evento drástico no meio ambiente.”** Gordon Cullen

1. *Progressive Architecture* (1956), vol XXXVII, no. 8 (Agosto): p. 97, citado em Gosling, David, *The Evolution of American Urban Design*, Chichester, Wiley-Academy, 2003, p.34.

2. Carmona, Matthew e Tiesdell, Stephen, *Urban Design Reader*. Oxford e Burlington, MA, Architectural Press, 2007, p. 1.

### O que é o desenho urbano?

**Definição e debate** A evolução da forma urbana →

### O que é o desenho urbano?

**Ainda há um grande debate sobre quais seriam o escopo e os fins do desenho urbano. Todavia, chegou-se ao consenso de que a atividade de desenho urbano existe na interseção da arquitetura *strictu sensu* com o paisagismo e o planejamento urbano, e em geral também se concorda que o desenho urbano é:**

- um processo criativo,
- um processo colaborativo e interdisciplinar,
- um processo de criação de lugares que envolve a configuração de espaços e formas urbanas tridimensionais que enriquecem a vida nas cidades.

### O que é um desenhista urbano?

Um debate crucial no desenho urbano é se o termo “desenhista urbano” tem qualquer significado real. Se efetivamente existe uma disciplina chamada desenho urbano, consequentemente um indivíduo que a pratica deveria ser chamado de desenhista urbano. De fato, há inúmeros programas universitários que prepararam os alunos especificamente para essa atividade. O problema, no entanto, é a imensidão da disciplina. A questão “Mas o que você faz?” ainda não foi bem respondida – é necessário especificar dentro de qual área do desenho urbano o profissional atua.

Além disso, não existem entidades profissionais que ofereçam definições legais, certificações universitárias, testes organizados para comprovação de qualificações ou mesmo seguros profissionais para o desenho urbano como profissão autônoma. Por ora, o profissional ainda é obrigado a se qualificar com o grau de arquiteto, urbanista ou planejador urbano para garantir proteção legal e financeira adequadas, assim como padrões profissionais e éticos rigorosos. Essa formação profissional talvez seja a plataforma ideal para a especialização em desenho urbano.

### O futuro

Há muitos futuros possíveis para o desenho urbano, e há inclusive alguns modelos utópicos históricos que talvez venham a ser executados. Entretanto, um dos avanços mais significativos do desenho urbano ao longo dos últimos 20 anos é a emergência do campo do urbanismo paisagístico. Isso é o prenúncio de uma mudança fundamental na compreensão dos assentamentos humanos. Charles Waldheim proclama que “o urbanismo paisagístico descreve um realinhamento disciplinar que atualmente está tendo lugar, no qual o paisagismo substitui a arquitetura como o bloco de construção básico do urbanismo contemporâneo”.<sup>1</sup> Está se tornando de reconhecimento global o fato de que o urbanismo sustentável em busca de soluções deve levar em consideração o contexto – a paisagem – e não as edificações isoladas. A profunda implicação é que o paisagismo e o planejamento urbano devem emergir como as profissões que ditarão os termos do futuro, portando a bandeira do projeto ambiental holístico.

O processo de repensar as possibilidades do urbanismo propostas por um pensamento focado na paisagem se baseia na obra de várias gerações de ecologistas, artistas, teóricos e projetistas que, assim como o paisagista Ian McHarg, reconheceram a relação simbiótica entre os seres humanos e seu habitat. Os desenhistas urbanos devem continuar respondendo a padrões urbanos dinâmicos, sejam eles nos crescentes assentamentos informais das cidades do hemisfério sul do planeta ou o resultado de décadas de dispersão suburbana no norte. As próximas décadas serão fundamentais para o equilíbrio entre as necessidades humanas e a preservação do planeta da forma como o conhecemos, e os paisagistas têm o poder de liderar esse processo no campo do desenho urbano.

↳ →

**Nomes:** Sun City, favelas de Mumbai e ecocidade Dongtan

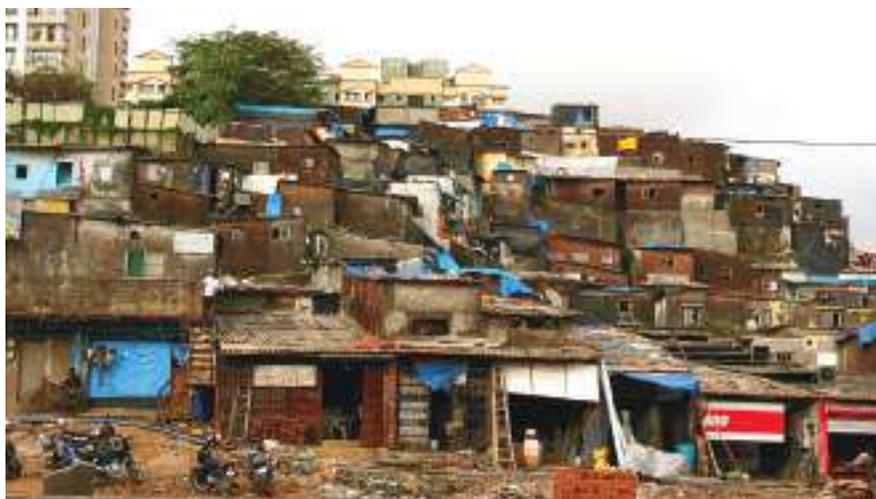
**Localização:** Estados Unidos, Índia e China

**Datas:** Várias

**Projetistas:** Vários

O que o futuro reserva para nossas cidades? As visões variam da utopia ao apocalipse, mas a realidade provavelmente será um meio-termo. Os paisagistas envolvidos com o desenho urbano desempenharão um papel cada vez mais importante na definição desse futuro. À direita são retratados (de cima para baixo): a monotonia cultural de Sun City, no Arizona, Estados Unidos; as crescentes favelas de Mumbai, na Índia; e a visão otimista da ecocidade Dongtan, na China.

1. Waldheim, Charles, (ed). *The Landscape Urbanism Reader*. Princeton Architectural Press, New York, 2006, p. 11.



**As cidades são as maiores obras construídas da humanidade, mas também são o habitat para uma impressionante variedade de espécies e ecossistemas altamente complexos. As cidades evoluem assim como as espécies individuais. Esta seção oferece um breve esboço desse processo.**

### Do rural ao urbano

Há cerca de 10 mil anos, os seres humanos começaram a cultivar o solo e deixaram de ser apenas caçadores e coletores. Os primeiros assentamentos eram pequenos, mas logo foi estabelecida a relação de interdependência entre as cidades e o campo que as circunda. O fornecimento de alimentos, o transporte, a segurança, o abrigo e a vida em comunidade ainda hoje permanecem como as principais razões para que os seres humanos vivam juntos em assentamentos urbanos. Essas necessidades têm determinado a maneira que utilizamos e construímos a paisagem tanto fora quanto dentro das cidades. As pessoas que vivem juntas também tomam decisões juntas sobre como construir e configurar suas comunidades, e foram essas decisões formais e informais que determinaram as primeiras tentativas de planejamento urbano.

As cidades e o campo evoluíram juntos ao longo de milênios. O paisagista Geoffrey Jellicoe, em seu livro pioneiro *The Landscape of Man*, separa a evolução das cidades de acordo com suas civilizações: civilizações centrais, civilizações orientais, civilizações ocidentais e civilizações modernas (a partir do século XVIII).<sup>1</sup> Essa classificação permite ao leitor visualizar o desenvolvimento de cidades e paisagens, como Pequim, Quioto, Luxor, Atenas, Paris e Londres. Por outro lado, a apresentação desses desenvolvimentos urbanos de maneira paralela permite mostrar uma progressão que podemos chamar de progresso.

É mais útil ver o desenvolvimento como uma resposta à mudança das necessidades e circunstâncias; padrões similares ocorreram em diferentes momentos em todas as partes do mundo. Os grandes estudos sobre os assentamentos humanos feitos por Spiro Kostof, *The City Shaped* e *The City Assembled*, analisam as cidades por meio do uso de padrões e significados, mostrando como evoluíram em suas formas.<sup>2</sup> Esses livros mostram que as formas urbanas são o resultado natural dos significados, da história e dos movimentos das pessoas.

1. Jellicoe, Geoffrey e Susan. *The Landscape of Man: Shaping the Environment from Prehistory to the Present Day*. Thames and Hudson, 1995.

2. Kostof, Spiro. *The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History*. Thames and Hudson, 1999.  
Kostof, Spiro. *The City Assembled: The Elements of Urban Form Through History*. Thames and Hudson, 1999.

### O que é o desenho urbano?

← Definição e debate **A evolução da forma urbana** Os primeiros projetos ... →



←

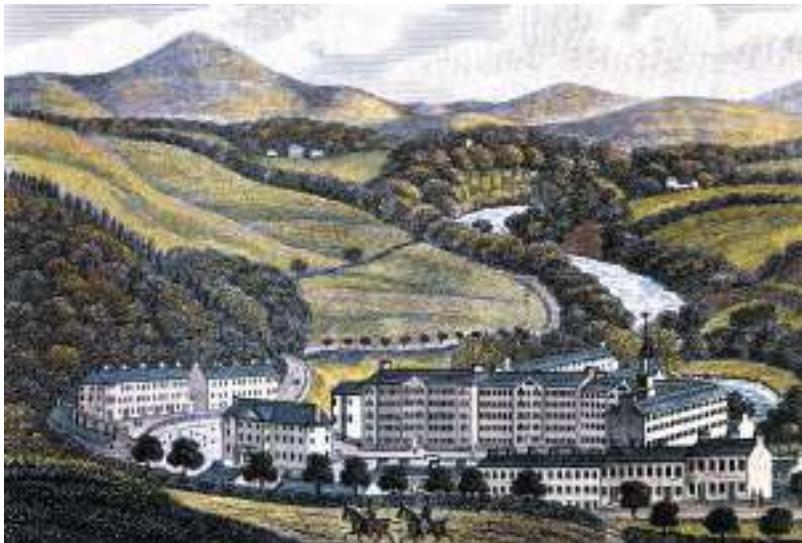
**Nome: Savannah****Localização: Savannah, Estados Unidos****Data: cerca de 1733****Projetista: James Oglethorpe**

Savannah se baseava em um traçado urbano igualitário e permanece como um modelo progressista para o planejamento urbano.

↘ →

**Nome: New Lanark****Localização: Escócia, Reino Unido****Data: cerca de 1800****Projetista: Robert Owen**

New Lanark era uma cidade operada a partir de princípios do socialismo e cooperativismo estabelecidos pelo reformista social Robert Owen. Owen foi um pioneiro em reformas de como cuidar das crianças e tratava bem seus empregados. O contexto magnífico e saudável de sua fábrica é um reflexo físico de seus princípios.



### O crescimento da cidade

Os primeiros povoadamentos humanos eram pouco mais do que grupos de moradias, mas ainda assim as formas básicas nas quais hoje vivemos já tinham sido estabelecidas. As casas eram distribuídas em torno de uma lareira e havia áreas definidas para estar, trabalhar e dormir. Esses assentamentos geralmente apresentavam ruas que conectavam as habitações, e também havia áreas para o descarte de lixo doméstico. O transporte de alimentos e bens, o manuseio do lixo e a disponibilização de lugares para reunião e troca de ideias são comuns a todos os povoados humanos, em todas as civilizações e partes do mundo. A maioria dos povoados surgiu em lugares favorecidos pela geografia, como cruzamentos de rios ou baixios, vales protegidos, encruzilhadas e baías naturais.

No entanto, nos enganamos se vemos esses padrões urbanos como lugares pacíficos. A história e a forma das cidades nos mostra que os humanos podem ser tanto tranquilos e produtivos como gananciosos, vingativos e sanguinários. As fortalezas e muralhas de cidade foram fatos da vida na maior parte do mundo, para que as pessoas pudessem proteger o que haviam conquistado e também serviram de bases fortificadas para que atacassem os outros e aumentassem suas riquezas.

A muralha da cidade nem sempre conseguia conter todos seus habitantes ou estabelecimentos comerciais por muito tempo. Muitas vezes, as cidades construíram sucessivos anéis de muralhas a fim de proteger sua expansão contínua. A dispersão urbana não é um padrão novo; até mesmo as primeiras civilizações da Mesopotâmia já a conheciam.

Com a Revolução Industrial, as cidades cresceram exponencialmente, rompendo os limites de suas muralhas medievais e se espalhando pelo campo. Muitos de nossos problemas contemporâneos têm suas raízes nesse enorme crescimento e nos veículos que foram desenvolvidos para lhe servir – do trem a vapor ao automóvel. Novas formas urbanas, como o centro comercial linear (centros de lojas que se desenvolvem ao longo de corredores viários) e as cidades-satélite (povoadamentos independentes suburbanos que muitas vezes incluem empreendimentos comerciais e serviços privados) exigem maneiras completamente novas de pensar e agir.

Recentemente, a migração internacional tem afetado o modo como muitas cidades ocidentais vêm crescendo mais do que as questões de migração do campo. Devido ao crescimento acelerado dos assentamentos urbanos informais, as Nações Unidas (o United Nations Habitat, em particular) têm investido em projetos e políticas de controle desse crescimento e melhoria da qualidade de vida daqueles que migram do campo para a cidade ou de uma cidade para outra. É importante reconhecer o potencial dessa nova forma de crescimento urbano, com a esperança de que “por meio da inclusão dos migrantes internacionais como uma parte integral da cidade”<sup>1</sup>, os desenhistas urbanos possam promover novos modelos para o projeto da cidade contemporânea.

1. Balbo, Marcello, (ed). *International Migrants and the City*. UN Habitat 2005.

### O que é o desenho urbano?

↓ →

**Nome: Cidade do México****Localização: Cidade do México, México****Data: não se aplica****Projetista: não se aplica**

O mapa da Cidade do México antes da conquista pelos espanhóis (à direita) mostra a cidade no meio de um lago, de modo bastante semelhante à cidade dos canais, Veneza. As cidades crescem, mas frequentemente a linguagem do lugar é indelével. As pirâmides de Teotihuacan (bem abaixo) são evocadas, assim como a cidade no lago, no espelho d'água do Conjunto Juárez (abaixo).



**As primeiras cidades surgiram no Crescente Fértil do Levante e da Mesopotâmia, e as fundações desses primeiros grandes centros urbanos ainda existem, como o legendário zigurate de Ur. As formas das cidades mudaram desde então, mas muitas de suas funções permanecem as mesmas.**

### A cidade antiga

A história das grandes cidades tende a coincidir com a história da linguagem escrita. Assim, alguns registros das primeiras tentativas de desenho urbano foram preservados. Os grandes conquistadores e soberanos costumam ser associados a visões urbanistas, mas nem sempre esses antigos desenhistas urbanos e burocratas se envolveram com as atividades gerais do urbanismo. As primeiras cidades, como a sede do poder sumério, Ur, tinham uma estrutura celular aparentemente orgânica, com apenas algumas ruas servindo as redes de moradias voltadas para pátios internos. As escavações arqueológicas de Çatalhöyük, na Turquia, também indicaram um arranjo similar. Embora o projeto urbano ativo esteja evidente em muitos dos primeiros assentamentos, os nomes das pessoas que planejaram tais paisagens se perderam.

Seria apenas na Grécia Antiga que o “pai do planejamento urbano” – Hipódamo de Mileto – surgiria. A ele geralmente é creditada a invenção do traçado modular no planejamento urbano. Somente a cidade de Mileto, na Jônia, é atribuída diretamente a ele. A retícula é uma expressão tanto do domínio humano sobre a paisagem como um reflexo da ordem divina. Dinócrates, o arquiteto e planejador urbano de Alexandre, o Grande, certamente coloca Hipódamo à sombra. Dinócrates planejou a cidade de Alexandria e foi o arquiteto de inúmeros templos.

Os traçados urbanos em grelha gregos, que sob o reinado de Alexandre foram difundidos por todo o império, culminaram na forma perfeita no período romano. Mais uma vez, a grelha foi parte da linguagem da conquista e do poder imperial, e as linhas formais dos postos avançados do Império Romano lembravam não apenas o domínio da natureza, mas também dos súditos imperiais.

→

**Nome: A cidade neolítica de Çatalhöyük**

**Localização: Çatalhöyük, Turquia**

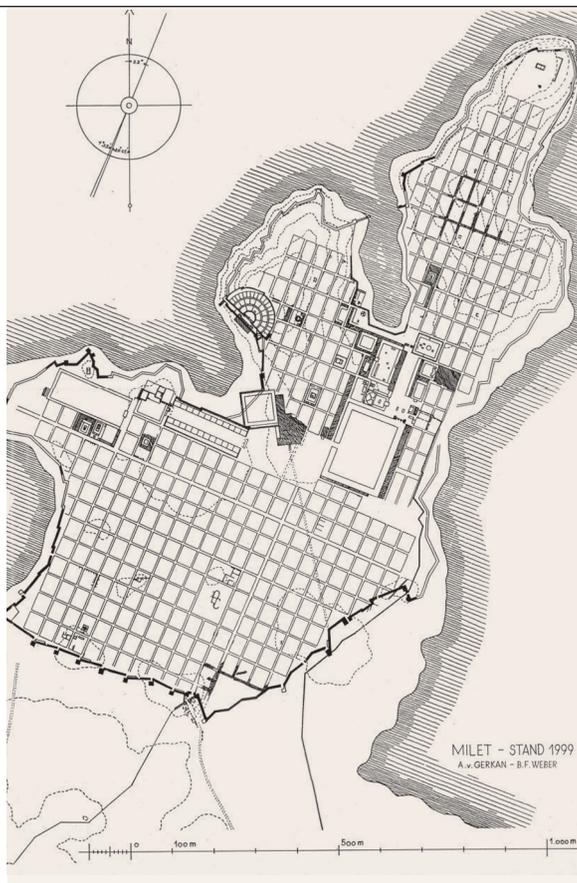
**Data: cerca de 7000 a.C.**

**Projetista: não se aplica**

A cidade neolítica de Çatalhöyük era um denso agrupamento de habitações com paredes-meias e que eram acessadas por meio de aberturas nas coberturas. Çatalhöyük é um dos mais antigos e maiores sítios neolíticos já descobertos.

### O que é o desenho urbano?

← A evolução da forma urbana **Os primeiros projetos urbanos** O desenho ... →



&lt;

**Nome: Mileto****Localização: Jônia,  
atual Turquia****Data: século V a.C.****Projetista: Hipódamo de  
Mileto**

A planta de Mileto mostra que a grelha, embora eficiente, exige certa sensibilidade na adaptação à topografia.



### Saindo do período medieval

Geralmente, supõe-se que, durante a Idade Média, as cidades cresceram “organicamente”, surgindo de maneira natural e espontânea em terrenos favorecidos pela geografia. Isso não é totalmente verdade. A implantação das cidades sempre dependeu da disponibilidade de alimentos, água e outros recursos, como os meios de transporte e a necessidade de defesa. Todas essas escolhas conscientes vão diretamente contra a ideia de um desenvolvimento “não planejado”. É claro que há exemplos notáveis de cidades que tiraram partido de acidentes topográficos com resultados espetaculares, como é o caso de Edimburgo, onde a Royal Mile sobe por uma paisagem glacial. Outro bom exemplo é a cidade francesa de Carcassonne, que ocupou e fortificou uma colina rochosa similar. Ambas as cidades são sítios ocupados há milênios e tinham importância estratégica para os antigos romanos.

Além da necessidade de criar ousados baluartes e ameados para defesa militar, um dos principais propulsores do crescimento urbano ao longo da história foi o comércio. Grandes cidades mercantis, como Bruges e Florença, foram fundadas a partir do comércio de tecidos, e a grande riqueza que propiciaram se refletiu nas belíssimas casas que podem ser encontradas em ambas. A ordem e o controle social eram exercidos dentro das cidades e por seus habitantes, embora tal controle pudesse adotar a forma do poder monárquico, eclesiástico ou de ambos, como muitas vezes ocorreu. Esfahan, na Pérsia, era um centro tanto do poder secular quanto religioso sob o Xá Abbas. Curiosamente, Esfahan também sempre foi notável por seu enorme bazar – um fervilhante conglomerado de mesquitas, *suqs*, *hammams* e caravancharás. Spiro Kostof escreve sobre ele: “Estes estabelecimentos comerciais separados das casas... eram na realidade entidades totalmente sociais – fazendo um eloquente contraste com os nossos *shopping centers*, onde você praticamente só compra e come”.<sup>1</sup> As cidades tradicionais de todos os países apresentam a mesma espécie de estrutura multivalente e multicamadas, se opondo diretamente aos padrões contemporâneos do urbanismo que divide a cidade em zonas.

→

**Nome: Sforzinda**

**Localização: não construída**

**Data: cerca de 1464**

**Projetista: Filarete (Antonio di Pietro Averlino)**

A cidade de Sforzinda, projetada por Filarete, era uma cidade ideal conceitual, cuja ordem geométrica perfeita visava refletir uma ordem política e social também perfeita. Esse povoamento zoneado, longe de ser democrático, expressava o poder absolutista de um monarca.

→

**Nome: Neuf-Brisach**

**Localização: Alsácia, França**

**Data: 1699**

**Projetista: Marquês de Vauban**

A cidade fortificada de Neuf-Brisach foi construída durante o reinado de Luís XIV para defender a fronteira francesa da disputada região da Alsácia. Ao contrário de Sforzinda, sua planta é apenas para defesa e o traçado em grelha de suas ruas foi projetado para maior eficiência militar.

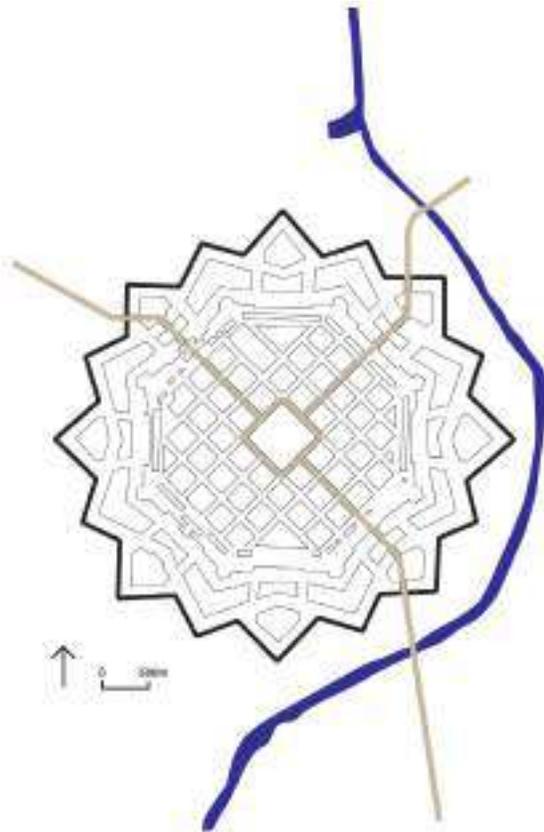
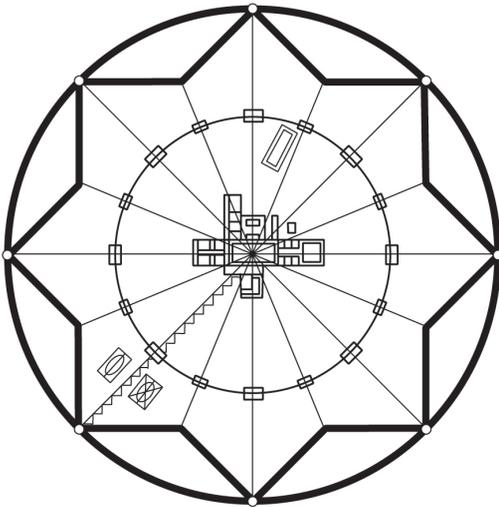
1. Kostof, Spiro. *The City Assembled: The Elements of Urban Form Through History*. Thames and Hudson, 1999, p. 99

### Chegando ao Renascimento

O zoneamento urbano – o processo de separação de áreas urbanas de acordo com usos do solo distintos – não é um conceito novo e provavelmente remonte das cidades com traçado em grelha desenvolvidas pelos antigos gregos e romanos. Ele sem dúvida fica aparente nos padrões de cidades racionais e ideais. Filarete, um arquiteto do Protorenascimento, planejou uma cidade ideal chamada Sforzinda, baseada no padrão de uma estrela de oito pontas. Sforzinda era mais um diagrama do que uma cidade, com os palácios do governo no eixo e o comércio e o transporte se espalhando ao longo de avenidas radiais. Ela jamais foi construída, mas muitas cidades, especialmente as fortificadas, como Neuf-Brisach, na Alsácia, e Palmanova, perto de Veneza, foram construídas com formas muito similares. Essas comunidades rigidamente organizadas e zoneadas, com formas regulares e compulsórias, eram perfeitamente adequadas às exigências das cidades militares.

O racionalismo e o humanismo foram combinados na cidade que foi o verdadeiro centro do Renascimento: Florença. O grande florescimento das artes e da cultura que nela ocorreu no início do século XV teve uma enorme influência não somente na arquitetura, mas também na configuração das cidades em geral. O Palazzo Vecchio, por exemplo, se tornou muito importante e marcante devido à sua implantação na Piazza della Signoria.

A ideia de que grandes sociedades deveriam ser acomodadas em cidades grandes e graciosas surgiu em Florença e iria influenciar algumas das plantas de cidade mais importantes, de Mannheim, na Alemanha, à Cidade Nova de Edimburgo, na Escócia.



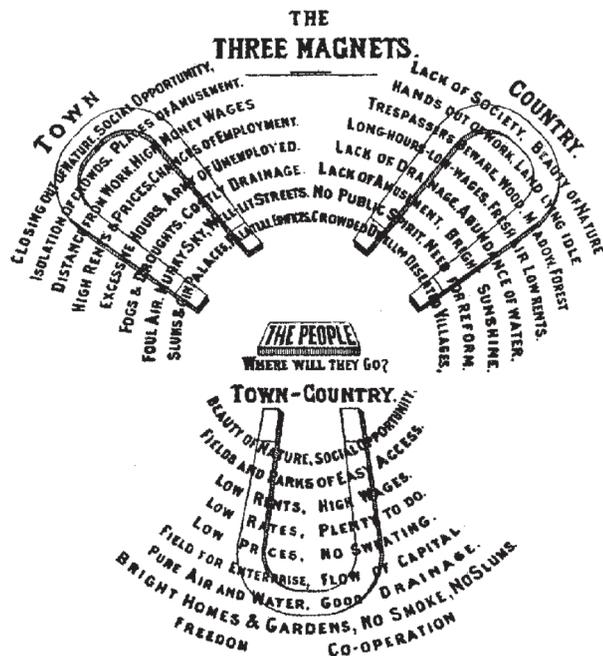
**A Revolução Industrial foi um período de mudanças convulsivas e, durante essa época, tanto as cidades como as paisagens regionais começaram a adotar as formas que reconheceríamos na modernidade.**

### **Construindo a cidade industrial**

Tanto já foi escrito sobre a Revolução Industrial que ela sequer precisa ser apresentada aqui. Cidades cobertas de fumaça, superpopulação, fome, doença e morte eram os traços característicos da vida urbana para a grande maioria da população. Em resposta a essas condições, muitos filantropos e planejadores urbanos começaram a explorar modelos melhores para as comunidades industriais e a cidade industrial.

Entre todos os grandes planejadores e teóricos da Idade Industrial, há três reformistas cujas ideias se destacam como as mais influentes do período: Charles Fourier, Ebenezer Howard e Robert Owen. Esses homens compartilharam a crença de que as comunidades poderiam ser planejadas de modo a melhorar a situação do cidadão comum. Embora apenas algumas dessas comunidades tenham sido executadas, incluindo New Lanark, de Owen, e a Cidade-Jardim Letchworth, de Howard, a influência desses ideais utópicos nas sucessivas gerações de arquitetos e urbanistas é enorme.

Quase 50 anos antes da fundação da Cidade Nova de Letchworth, Ildefons Cerdà propôs uma planta radicalmente nova para a cidade de Barcelona, em franca expansão industrial. Baseando-se nos primitivos traçados urbanos em grelha das cidades renascentistas, o Plano Cerdà incluía quadras octogonais (quadradas, com as quatro esquinas chanfradas) em um traçado em tabuleiro de xadrez rígido cortado diagonalmente por dois grandes bulevares, um apropriadamente chamado "Avinguda (Avenida) Diagonal". As superquadras de Cerdà se tornaram sinônimo do conceito do Plano e ainda hoje contrastam muito com o velho bairro medieval, o Barri Gòtic, que parece ser uma antiga aldeia encravada na metrópole rigidamente estruturada.



←

**Nome:** Diagrama dos Três Ímãs

**Localização:** não se aplica

**Data:** 1898

**Projetista:** Ebenezer Howard

A cidade-jardim ideal proporciona todos os benefícios tanto da cidade como do campo e talvez algumas de suas desvantagens. O famoso diagrama de Howard, de seu livro *Garden Cities of Tomorrow*, ilustra as escolhas que as pessoas podem fazer entre três opções bem definidas – “Cidade”, “Campo” ou “Cidade-Jardim” – sendo que a melhor, é claro, seria a “Cidade-Jardim”.

→

**Nome:** Saltaire

**Localização:** Bradford, Reino Unido

**Data:** 1853

**Projetista:** Sir Titus Salt

O industrialista e reformista social Sir Titus Salt construiu a cidade-modelo de Saltaire tendo em mente as necessidades de seus trabalhadores. A maioria da classe operária da época era acomodada em cortiços, mas a filantropia paternalista de Salt se preocupava com a saúde física e mental de seus colaboradores, proporcionando-lhes um ambiente saudável.



### Tornando a cidade industrial mais verde

Enquanto Cerdà aperfeiçoava seu Plano para Barcelona, os Estados Unidos se voltavam para a Europa em busca de ideias sobre como criar espaços na cidade que permitissem um alívio do tumulto industrial. Após visitar Birkenhead Park, em Liverpool, Inglaterra, no ano de 1850, o jovem Frederick Law Olmsted retornou à cidade de Nova York com uma inspiração que resultaria em sua proposta para um dos maiores parques urbanos já construídos, o Central Park. O urbanismo de Olmsted estava mais de acordo com o que hoje denominaríamos

“infraestrutura verde”. Seus parques, como o Central Park de Nova York e particularmente sua rede de parques para Boston, o “Colar Esmeralda”, foram construídos com o duplo intuito de serem espaços humanos para recreação e sistemas ecológicos que ajudassem a controlar as enchentes e proporcionar habitats para a vida natural.

A partir de então, o Período Industrial veria avanços em muitos aspectos da vida urbana. Era uma época de grande crescimento urbano: dos canais de Manchester, na Inglaterra, às lojas de departamentos de Chicago, nos Estados Unidos, novos modelos para novos estilos de vida foram forçados na paisagem construída. Esses progressos geraram notáveis sucessos assim como fracassos, lançando as bases para a fundação da cidade atual, no século XX.



↑

**Nome:** Birkenhead Park

**Localização:** Liverpool, Reino Unido

**Data:** 1847

**Projetista:** Joseph Paxton

Frederick Law Olmsted se inspirou para projetar o Central Park após visitar o Birkenhead Park, de Paxton, que inovou como o primeiro parque urbano da Grã-Bretanha feito pelo Estado.

→

**Nome:** Central Park

**Localização:** Cidade de Nova York, Estados Unidos

**Data:** 1857–1873

**Projetista:** Frederick Law Olmsted e Calvert Vaux

O Central Park é um dos mais importantes parques do mundo, não apenas por seu significado e valor para os nova-iorquinos, mas por sua importância simbólica como um enorme gesto de generosidade pública. O parque é parte vital e indissociável do tecido urbano de Nova York.

### O que é o desenho urbano?

← Os primeiros projetos urbanos **O desenho urbano no período industrial** O desenho urbano ... →